

1 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

6.^a EDIÇÃO PRÉMIO MIGUEL ROVISCO — NOVOS TEXTOS TEATRAIS

SOMBRAS

DE MIGUEL FALCÃO ENCENAÇÃO ANA NAVE

Ana Nave

“AS SOMBRAS SÃO A ESTUPIDEZ E O FASCISMO”

Entrevista **Sónia Castro**

Qual foi a sua reação ao convite para encenar o texto vencedor da 6.ª Edição do Prémio Miguel Rovisco – Novos Textos Teatrais?

Fiz parte do júri desta edição do Prémio, a convite do Diogo Infante. A reação foi um misto entre aceitar esse desafio e o compromisso de levarmos à cena textos portugueses inéditos que ainda não foram experimentados. Um texto teatral completa-se quando é levado à cena.

Como vê este incentivo do Teatro da Trindade à escrita de textos originais em língua portuguesa, na área do Teatro?

Acho essencial e meritório que haja esta oportunidade. Há muitos autores e autoras a escrever e são necessários incentivos para continuarmos a ter em cena também textos portugueses.

Encenar um texto de um autor que irá assistir ao espetáculo é uma responsabilidade acrescida?

Claro. Quando enceno um espetáculo, estou a compreender um texto, a discuti-lo com a equipa e, neste caso, a escutar as atrizes. É para fazer chegar ao público uma interpretação que é minha e da equipa com quem estou a trabalhar. Interpretar um texto é pensá-lo e criá-lo outra vez.

Nesta encenação, fez escolhas que não obedecem exatamente ao que está escrito. Não existe receio de “desobedecer” ao autor da peça?

Não. Pelo contrário! Sobretudo nesta peça, se a palavra é obediência, acho que é mesmo preciso desobedecer! Por exemplo, no texto, há uma cena com vozes de duas torturadoras da PIDE,

que o autor sugere que seja um *blackout*. Falei com algumas antifascistas que foram sujeitas a torturas, à tortura do sono. Ao fim de vários dias sem dormir, as alucinações eram frequentes. Talvez fosse essa a escapatória para não falarem, para resistirem a denunciar, para continuarem a acreditar que um dia haveríamos todos de viver em “democracia e liberdade”. No espetáculo, optámos por conceptualizar essa cena e ter só o início. Também o espaço deixou de ser realista e conceptualizámos o cenário. Tudo isto exige criatividade, compreensão e discussão com outros criativos.

Escolheu Carla Maciel e Mafalda Marafusta para interpretarem as duas personagens. Como se processa a escolha do elenco? Como percebeu que estas atrizes seriam a Mãe e a Filha perfeitas para este espetáculo?

Os elencos são fundamentais, porque gosto de trabalhar com atores e atrizes inteligentes e, ao mesmo tempo, que se deixem envolver no processo criativo. Não demorou muito tempo a chegar à Mafalda e à Carla. Serão, para sempre, a minha Mãe e a minha Filha.

Como descreveria as duas personagens, nos seus papéis de mulheres, cidadãs e mães?

Quisemos que fossem justas e humanas, duas personagens com dois pontos de vista completamente diferentes. Uma, conservadora, que acha que o seu lugar é cuidar da família, é ser mulher de um chefe de família, e que deve manter a tradição e os costumes. A outra, uma mulher mais moderna, que não quer viver com medo, que não se importa de



sacrificar a própria maternidade para transformar o mundo, para que a filha cresça como ela não cresceu.

Quando falamos deste período da História, e na História em geral, os protagonistas que nos são dados a conhecer são, sobretudo, homens. Na sombra, ficam as mulheres. Este espetáculo pode ser um veículo para dar voz às mulheres anônimas que também lutaram pela liberdade?

Eu não acho que estas mulheres estejam na sombra. Não acho que sejam sombras. As mulheres são determinantes na ação e no pensamento. Pensar que as mulheres podem ser sombras, porque não tiveram o protagonismo de alguma situação, não é o meu ponto de vista. Estas mulheres fazem a diferença. E esta mulher que diz “pode não ser para mim, mas vai ser para a minha filha”, eu sinto-me filha dela, porque vivo em liberdade! Por isso, aqui, as sombras são fascismo, não poder dizer o que se pensa, um sistema que considera que as mulheres têm papéis secundários. Elas não foram sombras. Elas foram ativas. Obrigada!

Nasceu no período em que a ação de Sombras se passa e teve familiares que lutaram pela liberdade. As suas recordações e as histórias que lhe contaram serviram também de fonte para a criação?

Certamente que sim. Não deixo de ser quem sou, educada como fui, com as experiências que tive e as coisas que me tocam. Tudo o que faço traz também essa bagagem.

Aqueles que têm o privilégio de assistir aos ensaios de Sombras testemunham uma encenadora que está a viver intensamente esta história. Comove-se sempre que está a encenar ou este texto toca-a de uma forma especial?

A comoção com o texto aconteceu antes, porque já o conheço há meses e trabalhei-o muito antes de começarem

os ensaios. A comoção é com as atrizes. Emociono-me, porque vejo as atrizes a apoderarem-se, a inteligência, os detalhes, a arte.

Essa emoção acontece em todas as suas encenações?

Acontece! Eu adoro teatro!

Que desafios se colocam nesta sala que envolve o público de forma tão intimista?

É uma sala muito desafiante. Um espaço mais pequeno, com uma única porta de acesso ao palco. Optámos por ter a Carla Maciel já em cena quando o público entra. A distância é tão curta que tem de ser o público a entrar dentro do espetáculo e não o espetáculo a chegar a ele. A certa altura, as paredes vêm quase para cima do público. Nesse momento, o público também está preso. Como a personagem Filha. Não há fuga, só podem ver aquela alucinação.

Para terminar, desafiámos o autor do texto a deixar-lhe uma pergunta. Seguem-se as palavras de Miguel Falcão: – O espetáculo parte de uma peça que, embora seja de imediato contextualizada na ditadura salazarista, pretende ir além desse tempo histórico. Que leituras da atualidade propõe a sua encenação aos espectadores?

Em primeiro lugar, quero agradecer a pergunta do Miguel Falcão e a oportunidade de levar para cena um conflito de gerações entre duas mulheres, enquanto mães, e lembrar todos e todas os que, de alguma forma, contribuíram para que hoje possamos celebrar 50 anos de democracia. Neste momento, em muitos lugares deste planeta, há gente que continua a arriscar a vida, para que os filhos e as filhas possam um dia viver em liberdade. As sombras não são as mulheres. As sombras são a estupidez e o fascismo.





SALA ESTÚDIO . 19 SET A 3 NOV . QUA A DOM 19:00

VENCEDOR DA 6.ª EDIÇÃO PRÉMIO MIGUEL ROVISCO – NOVOS TEXTOS TEATRAIS

SOMBRAS

DE MIGUEL FALCÃO

Uma jovem mulher, com a filha recém-nascida, regressa para casa da mãe durante um período de ausência do marido. Aos poucos, ambas revelam-se e assumem-se em campos ideológicos e políticos opostos.

Este texto, embora inspirado numa realidade que em Portugal se conheceu até há cerca de 50 anos, é sobre todos os lugares onde as liberdades dos seres humanos estão em causa e onde, apesar de todos os modos de censura e repressão, há pessoas corajosas que não se conformam e que lutam. Em todos os lugares, até onde menos se espera, há sombras, diferentes sombras...

De Miguel Falcão

Encenação **Ana Nave**

Com **Carla Maciel e Mafalda Marafusta**

Cenografia **Rui Francisco**

Desenho de luz **Tasso Adamopoulos**

Desenho de som **Miguel Mendes**

Voz off **Ana Saltão e Catarina Guerreiro**

Vídeo **Adriano Filipe**

Contrarregra **Tiago Areia**

Operação de luz, som e vídeo **Renato Charrua**

Fotografia cartaz e spot TV **Pedro Macedo – Framed Photos**

Fotografias de cena **Alípio Padilha**

Coprodução **Teatro da Trindade INATEL e RTP**

M12

Agradecimentos **Andreia Rocha, Fernanda Neves e Teatro da Comuna**

CONVERSA COM O PÚBLICO . 13 OUT . APÓS O ESPETÁCULO

Coleção de edições do Teatro da Trindade INATEL

No âmbito do Prémio, *Sombras* será editado e o lançamento do livro decorrerá no dia 19 de setembro, após o espetáculo.

O prémio Prémio Miguel Rovisco – Novos Textos Teatrais, promovido pelo Teatro da Trindade INATEL e atribuído anualmente, foi criado como incentivo à escrita de textos originais em língua portuguesa, na área do Teatro.



TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística **Diogo Infante** Direção Executiva **Hugo Paulito**

Secretariado da direção **Elisabete Duarte e Rita Martins** Tesouraria **Inês Figueiredo**

Produção **Andreia Rocha e Maria Cancela** Comunicação **Raquel Guimarães** (Coordenadora),
Adriano Filipe, Sónia Castro e Miguel de Jesus Pereira (Designer)

Núcleo de cena **Nuno Pereira** (Coordenador) Direção de cena **Pedro Viegas e Rosário Vale**

Iluminação **Pedro Gonçalves** Som **Rui Santos** Palco **Tiago Areia** Bilheteira **Beatriz Reis e Luísa Oliveira**

Manutenção geral **Vítor Albuquerque e Filipe Bastos** Técnicas de limpeza **Helena Gameiro** (Encarregada),
Elsa Fernandes e Fernanda de Jesus Portaria / Vigilância **Carla Aniceto e Protecção Total**



www.teatrotrindade.inatel.pt



**M12
2024**

©Pedro Macedo - Framed Photos